DISCURSOS

SESSÃO FUNEBRE EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DE LEONARDO MOTA

No dia 2 de Fevereiro o Instituto comemorou o 30.º dia do falecimento do consócio Leonardo Mota, numa sessão solene a que compareceram as autoridades locais, grande número de pessoas gradas e a família do saudoso morto. Em nome desta, agradecendo a homenagem, falou o Dr. Orlando Mota. Interpretou os sentimentos do Instituto o consócio Dr. Raimundo Girão. Seguem-se os discursos de um e outro.

De RAIMUNDO GIRÃO:

Se já disseram, eu repito: certos homens não deviam morrer, e Leonardo Mota era um deles.

Mas, em triste desencanto, vejo ali defronte vaga a sua cadeira, aquela cadeira de que ele me pedira retirasse um dos braços para que o pudesse caber, e onde, segundo as suas palavras mesmas, "acomodava as suas enxúndias encadernadas em brim branco, entre as casimiras severas do João Nogueira — que também se foi — e do Andrade Furtado", este graças a Deus ainda forte e sadio no nosso convívio.

À minha imaginação, num desses pequenos delírios ou êxtases evocativos, a cadeira de Leonardo, quando a olhei sem dono, afigurou-se-me velho prédio senhorial relegado, que se arruinou à surra do tempo, "febre lenta que

—na expressão de Herculano—costuma devorar os gogantes de mármore e de granito".

Numa transfiguração vagarosa que as minhas pobres tintas não sabem aguardar, a cadeira saiu a agigantar-se e cresceu e desformou-se, numa confusão não sei se de luzes ou sombras, e nos meus olhos fechados vi o antigo solar, sem ninguém, só habitado da solidão e recordações poeirentas, sem os móveis nem a felicidade que o encheram, as paredes com as sancas em rachão, encardidas as pinturas, meio abertas as portas que os gonzos não movem mais. Os jardins estavam mortos, secas as fontes, tudo em silenciosa ruína, falando tão só a linguagem muda do abandono infiltrado naquele grande corpo dos solarengos restos, a lembrar, como Raimundo Correia no "Castelo Feudal", uma crónica de pedra, imensamente triste do passado.

A HISTÓRIA DO SOLAR

Não sei por que, associa-se-me no espírito a *Morada da Oiticica,* a herdade cenário de "O Sertanejo" de José de Alencar, "assentada ao meio lançante em uma das encostas da serra, erguendo-se do centro de um terrado revestido de marachões de pedra", colocado lá nos campos pastoris dos Inhamuns.

Também não chego a explicar porque, em mim, teria sido uma herdade desses a morada do velho João Ferreira da Mota, da qual nascido e criado teve de retirar-se um dia, em 1880, o primogénito do casal — Leonardo Ferreira da Mota Sénior, carregando a sua mocidade de trinta e dois anos e as desilusões e esperanças mais para o coração do Ceará, como que desejando ficar ao quentinho dele — para a vila de Pedra Branca. E, ali, pela segunda vez se casaria e teria nove dos seus dezoitos filhos, para, depois, emigrando de novo (1892), ir definitivamente fixar-se na cidade de Quixadá, a cujo comércio daria o seu labor honesto por largos anos, até findar-se, em 1923, com 75 novembros contados.

Leonardo Mota Filho fez a viagem da segunda mudança do pai com um ano de idade, pois nascera naquela

vila exactamente às sete horas da manhã do dia 10 de Maio, radioso e primaveril domingo de 1891.

Foi baladeirando rolinhas e bem-te-vis pelas margens frescas do Sitiá que o acidental pedra-branquense brincou a sua meninice, no descuidoso sonho que Luís Murat metrificou :

"Brincar, correr atrás das borboletas,
em pleno azul, quando desaparece
o dia, e vê-las prófugas, inquietas,
à sombra do crepúsculo que desce,
irem de sol a sol, de esfera em esfera
como um exame rútilo e risonho —
eis do primeiro sonho a primavera,
da primavera eis o primeiro sonho..."

A"página voltada", de que adiante nos fala o poeta, Leonardo a deletrearia, como todos nós, começando por ter racionada a sua liberdade de escopeteiro à custa das obrigaçõezinhas que os pais impunham, como todos os pais zelosos, das aulas da escola, primeiramente, e não muito tempo, feito aluno do Colégio de São Luís, do mestre-escola Joaquim da Costa Nogueira que, mais tarde, seria o admirado e querido Professor Nogueira do "Instituto de Humanidades", em Fortaleza, o mais notável e orientado educandário que jamais funcionou em nossa terra.

Das mãos do primeiro mestre passou às de da.Augusta Burlamáqui Teixeira Mendes, professora aposentada no magistério do Piauí e vinda a ensinar no Quixadá, ainda hoje viva com 95 anos de existência lúcida, morando nesta capital em companhia de um genro — o cel. Francisco Barreira Nanã, guardada pela família como preciosidade sem limites de valor, e com quem de ponto feito fui ter, para ouvir de seus lábios, dos lábios que lhe pronunciava as lições e quantas vezes o beijaram meigamente, o elogio aberto e leal ao menino Leonardo — "um menino bonzinho, que não fazia traquinices".

Da. Augusta, na santidade da sua velhice, não deixou transparecer nada que se chocasse ao seu louvor, mas de

mim digo que sorri pensando em como o Leonardinho bromaria tanto...

Continuando — quem sabe? — assim bonzinho, o discípulo de da. Augusta Mendes recebeu em Quixadá os ensinamentos doutros preceptores — da. Adi Fernandes, Francisco Eusébio Cumaru, Adolfo Carvalho, pai do poeta e romancista Jáder de Carvalho, e Dr. Adolfo de Siqueira Cavalcanti, até que os pais o mandassem ao Seminário de Fortaleza, em 1903, portanto com doze anos incompletos.

Desta particularidade, muito efémera, pois foi só um ano e quase ignorada dos seus amigos, dá-nos ele confirmação nesta passagem de invocação testemunhal chistosa: "... embora isso pareça incrível, eu já fui seminarista, conforme podem atestar o Mozar Pinto, o dr. Costa Araújo, o Raul Carvalho e o Maximiano Leite Barbosa Filho, os quais também o foram e não terão a coragem de negar — que pelo menos em 1903—desprezaram o paletó civil pela folgada vestimenta eclesiástica. Felizmente muito cedo todos nós arripiámos carreira, o que foi um grande benefício para as tradições do clero nacional."

Foi quando os monges do Mosteiro de São Bento, na Serra do Estêvão, a pedidos da população quixadàense, resolveram fundar um Colégio e o instalaram naquele ano, sendo primeiro reitor o erudito beneditino D. Maurício Prichzi, nome conservado indelével nos anais da Ordem e do estabelecimento e no coração dos discentes e do povo da região.

Está por fazer a história do "Colégio São José", que viveu até 1909 e, equiparado oficialmente e aparelhado à maravilha para realizar os seus fins, formou a primeira e única turma de bacharéis em ciências e letras em 1908, composta dos hoje médicos Drs. José Paracampos e Afonso Braga Filho e engenheiro Joaquim Mendes Braga, tendo sido paraninfo o Barão de Studart.

No ano em que, pelo empurrão das dificuldades de mantença, o educandário se extinguiu, cursavam a 5a. série outros três alunos — o agora esculápio Clóvis Barbosa de Moura, o Dr. Dolor Barreira, nosso querido consócio e que só por muita confessada covardia emotiva e a despeito de

tantos rogos, não está, em meu lugar, falando neste momento, e Leonardo Mota, que intelectualmente era o mais projectado do trio e nem por isso o mais aplicado, pois achava melhor compor versos nas aulas, ou ler Casemiro de Abreu, e não raro escrever discursos que outros pronunciassem.

Por certo não foi um destes o que certa ocasião proferiu Dolor, homenageando um dos professores — o Dr. Carlos Ribeiro, para alegria e gabo nosso ingresso recentemente no Instituto. Desta frutinha verde da oratória, que o Carlos, junta a outras, avarentamente esconde e só à puridade me mostrou, bem se poderia dizer como disse de Beethoven o seu mestre de composição — "Beethoven como executante nada promete, e como compositor é um caso perdido" — vaticínio que não evitou chegasse a ser o famoso filho de Bonn um dos, senão o maior, génio da Música, tal como a predição sobre o Dolor seria fartamente desmoralizada pela sustança tribunícia que adquiriu, apelidado algum tempo o Mirabeau do Ceará e hoje considerado, sem qualquer bajulação, um dos mais elegantes discursadores dos nossos meios culturais.

Dolor Barreira e Carlos Ribeiro, hoje colegas neste velho grémio, ficam intimados, um ou outro, ou ambos, a escrever a história do Colégio S. José e a de seu Recreio Literário, este responsável pela iniciação beletrística de muitos intelectuais conterrâneos.

Teve pois Leonardo de acabar o curso das humanidades no ano seguinte (1909) frequentando o Liceu nesta Capital, armando-se da habilitação do espírito para a carreira das letras, que nos refere Nabuco, chamando-a, com propriedade, "a ferramenta do ofício".

A ROSA DOS VENTOS

A vida humana tem a sua rosa dos ventos, sobre que todo homem coloca a bússola do senso para os acertos da orientação.

O exacto discernimento será o norte magnético do indivíduo: se ele o encontra, apruma-se; se não, é ventoínha a catar doidamente os ventos, sem apanhar nenhum. Al-

guns dão com ele cedo. Outros demoram mais. A maioria, talvez a maioria, não o encontrará.

Vamos definir que o temperamento do jovem Leonardo Mota era um temperamento colibri, propondo-se a flor e flor. Recitava interiormente os *Moinhos* de Júlio Brandão, o vate da Vila Nova de Famalicão de Portugal :

"O' moinhos do monte, ao luar e ao vento,
presos à terra, ansiosos por voar,
que sonho o vosso! Nunca o desalento
vos quebra as asas, a bater no ar.

Dirão alguns, de leve pensamento,
que é louco intento o vosso labutar;
e eu digo, o' meus irmãos em sofrimento,
que a vida é um longo voo, e um longo amar.

Voar, amar, sofrer! O' belos moinhos,
Que exemplo sabeis dar a quem não voa,
a quem anda de rojos pelo chão!

Voam os sonhos, voam os passarinhos,
e quanto mais melhor! Falam a toa:
— Asas de amor, voai e dai-nos pão!

As asas beija-flor da sensibilidade de Leonardo Mota, que nunca se submeteria a andar de rojos, preso à terra, o arrastavam a voar os grandes voos do pão e dos anseios. Não os separou ele: os sonhos, os voos passarinescos seriam o seu manjar mesmo toda a vida. Os seus moinhos movendo-se, nunca deixando de mover-se, fabricaram, fosse como fosse, o seu trigo pobre, um pão que muitos ignorantes ricos não compreendem e até censuram, mas gostosamente sabe aos afortunados de espírito.

E havemos de ver que a cigarra vale mais do que a formiga.

Entre os trinta e dois raios da rosa dos ventos a sua bússola oscilava, como a de todo moço pobre que, de si, tem de forçar as portadas da luta existencial.

Principiou servindo-se da ferramenta mais fácil, mais à mão — o professorado, que já exercitara tìmidamente em 1907 no colégiozinho de Galdino Chaves em Quixadá e, em Fortaleza, no Colégio Colombo, de Francisco Gonçalves, e no Ginásio do professor Anacleto de Queirós, ambos também carecidos de quem lhes memore a utilidade e as tradições.

Havendo já transposto as soleiras da Faculdade de Direito — Março de 1910 — teve de ir, como docente, para a serra de Baturité a dar lições no Ginásio Guaramiranga, neste ano e no seguinte, e a 3 de Maio de 1912, atraído pelo irmão Aureliano, vigário ali, chegou ao Ipu, aonde fora dirigir o "Instituto José de Alencar", por ele montado com os móveis e material comprados ao educador e poeta Teles de Sousa.

Fundou um semanário — a *Gazeta do Sertão* (1913), a "alcandorada e interessante Gazeta", no carinhoso dizer de Eusébio de Sousa, e que lhe assinalaria o ponto zero de um caminho em ascenção jornalística até as cumeadas da redactoriação do mais importante jornal do Estado — o *Correio do Ceará*, e contra os desejos do sogro, chefe político de marcada influência regional, aceitou a promotoria ipuense, cargo que desempenhou até os inícios de 1915, época da sua ida para o Rio de Janeiro, com o fim de concluir os estudos jurídicos.

Efectivamente, bacharelou-se em direito a 13 de Abril de 1916 e logo em Julho retornou ao Ceará, convidado pelo Presidente João Tomé para seu Oficial de Gabinete e director da *Gazeta Oficial.*

Um ano antes fora o seu nome objecto da sufragação popular, honrosamente apresentado por uma das facções militantes — o Partido Unionista, mediante caloroso "manifesto" assinado por João Brígido, Agapito dos Santos e Dr. Floro Bartolomeu. Os poderes divinos e mais que estes os do fabricante Malat, tão decisivos nas eleições do tempo, não permitiram, felizmente, que o académico Leonardo Mota vencesse o adversário. Outras sereias conquistariam o nosso Ulisses, jogado para os escolhos melhores das belas letras, que não os das espertezas e moxinifadas partidárias, ventre fértil gerando grandes homens de bem que se inutili-

zam, e quantas nulidades que se esmaltam de falso valimento.

Não se esperava, mas aconteceu que o Oficial de Gabinete do Dr. João Tomé se conservou na função o quadriénio todo, sugigado não se sabe por que estranhas forças. Talvez porque a opressão sedentária do cargo se aliviava pelas válvulas das noitadas alegres e, em expansões maiores, nas excursões do chefe pelo sertão. Ah!, as viagens pelos sertões...

A TOLICE

Antes de findar o seu governo deu-lhe o Presidente o prémio de um cartório de tabelião, investidura rendosa que lhe poderia servir de embasamento económico.

Porém não passante um mês, entregou o tebelionato a um bisonho escrevente juramentado de Baturité, o — ao depois — conhecido cronista e ledor de gramáticas Silveira Marinho, e este, igualmente liberto de ambições pecuniárias, não demorou a tansferí-lo a terceiro, que logo se fez argentário com os proventos da cornucópia.

Firmara Leonardo Mota o negócio assim como quem vende uma caixa de fósforos, mão para lá, mão para cá. O velho pai soube e se opôs : quando muito traspassasse o cartório ao cunhado Dr. Oscar Peixoto que, advogado inteligente, o manteria e ampliaria em benefício da família.

Resistiu, que a palavra já estava empenhada, e recebeu os mofinos vinte contos de réis da transação, de logo esgotados dos seus bolsos perdulários.

Apontaram-no, os seus e os seus amigos, como um doidivanas, autor de rematada asneira. Ele sentiu as acusações e um dia publicou: "Dizem os que me estimam que eu fiz uma tolice sacrifcando um cargo público para me consagrar à vida que vou aguentando... Tenho feito mesmo uma tolice? Valha-nos o consolo do que dizia o Visconde de Santo Tirso em relação a Camilo Castelo Branco: — "Camilo não era seguramente tolo e a prova disso

é que passou a melhor parte da sua vida a fazer tolices. Tolo não é quem faz tolices; tolo é quem diz tolices".

Se a defesa é convincente, não sei. Mas o Ceará deve infinitas graças a Deus pela tolice do Leonardo. Os milhões do cartório valem os milhões espirituais que o tolo deixou?

A REABILITAÇÃO DA CIGARRA

Lafontaine abriu as suas famosas "Fábulas" com aquela tão repetida, em que desmoralizou o conceito da cigarra e enalteceu o trabalho da formiga.

"La cigale, ayant chanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue:
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau.
. . . . . .
Je chanteais, ne vous déplaise.
— Vous chantiez, j'en suis fort aise!
Ah bien, dansez maintenant."

Antes dele, no século XVI, o nosso Sá de Miranda, inspirado em Esopo, a estigmatizara :

"Deixemos queixas antigas.
Quero-vos dizer de mim,
Que destas vossas amigas
Digo as letras, para o fim
Ajunto com as formigas.
Porque ninguém me lançasse
Com a cegarrega, em rosto,
Em Dezembro que bailasse.
Pois que cantara em Agosto".

Quantos têm traduzido e comentado o fabulista francês são impiedosos para com o contente hemíptero, injustiça que já agora exige uma reparação.

Belmiro Braga começou a reabilitação, cantando-lhe um hino:

"Contrário a essa guerra infame
que te movem, guerra acesa,
refutando La Fontaine:
— venho fazer-te a defesa.

E, folheando os autos, julgo
Com pesar, cigarra amiga,
que tu, aos olhos do vulgo
vales menos que a formiga.

Mas quem por seu males
ou por seus dons, é troveiro,
tu, minha cigarra, vales
muito mais que um... formigueiro.

.. ..

Vives ao sol grande e ledo
e adoras a paz noturna,
quando a formiga com medo
entra e sai da escura furna.

Desta, se acaso perscruto
o celeiro — que tristeza !
quanta roseira de luto
por causa dessa riqueza!

O canteiro que ela esgalha
um cemitério parece:
e assim é que se trabalha!...
e assim é que se enriquece!...

.. ..

... teu canto lembra uma ária
que a alma da gente consola,
o' divina milionária
que vive pedindo esmola!

Na terra e no céu que calma
para te ouvir! Canta agora!
E enquanto cantas, minh'alma
irmã da tua'alma, chora..."

A própria sisudez da ciência lhe veio em auxílio: "E, cantando, ou melhor, tocando os seus atabales nas horas de canícula — escreve o naturalista Melo Leitão — haure a cigarra a seiva farta dos ramos tenros, deixando extravasar o líquido adocicado, de que se vêm nutrir outros insectos, especialmente as formigas. A verdade da natureza é quase o inverso do que nos conta o fabulista: é a formiga que vai colher o bem da cigarra, pródiga e amável".

Um dos nossos delicados cronistas — Heitor Cavalcante — defende-a também : — "Demais não é a formiga uma criatura tão ajuizada como se diz. Senão acompanhemo-la em uma das suas excursões. Sai do formigueiro, sem destino certo. Impelida, talvez, por movimentos reflexos, avança inconscientemente em qualquer direcção. Não mede as distâncias a percorrer, nem economiza passadas. Corre meio maluca de um lado para outro, em contínuos ziguezagues; se encontra um obstáculo no caminho, não contorna; sobe por ele ávida para poder transpô-lo.

Agora encontrou um besouro morto, um besouro que tem quarenta vezes o seu peso e o seu volume. Já outras companheiras o assaltaram, procurando removê-lo. Incorpora-se ao grupo a nossa heroína. E enquanto as companheiras arrastam o cobiçado insecto para a direita, ela começa a puxá-lo para a esquerda, e assim é que atrapalha em vez de auxiliar. Depois do desperdício de muito esforço e tempo, conseguem pôr-se em marcha, mas sempre desorientadas, embaraçando-se, atropelando-se umas às outras. Adiante encontram um buraco. Em lugar de rodeá-lo, avançam até as bordas e tombam com a pesada carga lá no fun-

do. Já não é possível retirá-la. Fazem, contudo, inúteis tentativas. Por fim, desenganadas, debandam. Sobem à superfície. E lá se vai a formiguinha louca de volta ao formigueiro, cansada, estropiada, com as patas vazias, mas sempre desmiolada e tonta.

Farejando, curiosa, bisbilhoteira, demora-se a cada passo para cumprimentar as outras e conversar um pouco, lá na sua linguagem que nem elas entendem.

E a cigarra, porque vive cantando, confiada na Providência; porque vive cantando na evangélica simplicidade dos lírios, que não fiam nem tecem, é só quem não tem juízo..."

Encerremos a réplica com estas palavras em prosa do "poeta das cigarras"—Olegário Mariano: "Líricas incorrigíveis, mau grado a antipatia dos fabulistas, que lições de sadio optimismo elas emprestam aos seres e às coisas! Sofrendo doestos e injúrias no mundo alado dos hemípteros, como no mundo cruel dos homens, cantando procuram espalhar o bem, na proporção do mal que recebem. Amigas de Anacreonte, eram engaioladas pelos gregos; companheiras do sol, a natureza abre-lhes os braços, porque precisa do canto profético de quem lhe anuncia manhãs claras e dias serenos. Na alma de cada uma, entretanto, existe um homem daqueles de que fala o discípulo amado de Sócrates que, maravilhados pela voz das musas, se deixavam morrer de fome e sede. Mas as musas, em compensação, metamorfoseavam-nos em cigarras, dando-lhes o dom de viver sem comer, para que pudessem cantar à vontade".

E o mesmo Lafontaine não assegurou que

"La formi n'est pas prêteuse:
C'est lá son moindre défaut" ?

E haverá quem troque pela sordidez do avarento a prodigalidade dos que esbanjam belezas e delícias ?

A CIGARRA DO FOLCLORE CONTRA A FORMIGA DO TABELIONATO

Vem-me ideia de Esaú vendendo por umas lentilhas

o jus da primogenitura. Leonardo Mota desprezou o oiro do tabelião pelo oiro muito melhor da fama literária. A's voltas com os adágios, ele de certeza sabia este de que "do mundo materialmente nada se leva". Corajoso, cometeu a *tolice* que o fez, para felicidade e orgulho nosso, o maior floclorista brasileiro.

Nas mãos as moedas que Silveira Marinho tomara emprestado a um guarda-pratas qualquer desconhecido para pagar-lhe as lentilhas de notário público, voou nos seus sonhos pelo sertão a dentro, varando diversos Estados, e quando, algum tempo decorrido na peregrinação, deu com o corpo cansado na Capital da República, tinha prontinho da silva o seu "Cantadores", que a Livraria Castilho tirou numa edição de 10.000 exemplares, depressa esgotados: impresso na Tipografia do Anuário do Brasil, começou a fazer-se a 22 de Agosto e terminou a 15 de Setembro de 1921.

A barulheira da crítica, então, foi enorme, tudo elogios, ditirambos e estímulos, expressos nas antonomásias de toda sorte.

Uma gritaria da crítica nacional e da imprensa, apontando-o como o Álvares Cabral do verdadeiro folclore do Brasil.

Ficou em moda elogiar Leonardo Mota, a mor parte socorrendo-se da ideia comum, que era a mais ajustável, de considerá-lo o mineiro descobridor de filiões exuberantes de ouro ou das pepitas riquíssimas da poesia matuta, até ali anónima, vivendo de boca em boca mas sem os nomes dos donos.

"Ditosamente — escrevia um — ele apanha no almocreve e na bátea de seu espírito admirável as pepitas e as gemas do *hinterland* patrício, com elas fabricando as jóias lindas com que nos presenteia, cada qual mais custosa e duradoira".

Tristão de Ataíde veio à fala: "O poeta popular é o olho-d'água que borbulha. Desses olhos d'água é feito o livro do sr. Leonardo Mota, e a linfa que nos dão é a poesia popular no que tem de mais delicioso e puro, integrada no anonimato que a eterniza".

E — após desenvolver a tese de ser característica pri-

meira dessa poesia no Brasil, sobre tudo da nordestina, a varonilidade, com pouca emoção e muita sátira, arrogância e sensualismo, contrário da portuguesa que é essencialmente feminina, com a predominância do sentimento da saudade, da doçura e da melancolia — continua:

"Compreendeu perfeitamente o sr. Leonardo Mota esse carácter da obra poética da gente nortista e especialmente cearense, guiando-se por critério diferente de todos os seus antecessores. Foi nos meados do século XIX, com José de Alencar e especialmente com os preciosos estudos de Sílvio Romero, que se iniciou entre nós o interesse pelo folclore e, desde então, têm visado os investigadores a poesia, desdenhando os poetas. Evidentemente o que interessa no caso é a própria poesia, pois, como vimos, os poetas populares valem tanto quanto mais fielmente neles vibra a alma do povo. Mas não há razão para desdenhar o indivíduo que cria, pois que este, e especialmente a sua obra, deve fundir-se no povo, cujo carácter é o mesmo, mas cuja intuição é muito mais profunda do que a dos tipos normais e instintos da massa... Foi, portanto, o sr. Leonardo Mota o primeiro — pois sempre o fizeram de passagem — que deliberadamente procurou distruir o anonimato inicial dessa poesia saborosa e espontânea da alma popular, o que se verifica desde o título da sua obra. Não se contentou com a flor, com os poetas, nem pocurou as raízes, com os naturalistas, mas foi ao tronco, não para elucidá-lo em si, mas para preservar a pureza das pétalas na origem imediata, sem mácula estranha.

Adquire assim a poesia uma frescura e uma autenticidade excepcionais, pois vamos encontrá-la, quase sempre, no momento em que aflora. O cego Sinfrónio, o negro Azulão, Jacó Passarinho, o velho Anselmo, o cego Aderaldo, Luís Dantas Quesado, o cantador de Juazeiro, Serrador, o negro Inácio da Catingueira e alguns outros se destacam da massa como fontes mais ricas e mais expressivas dela. Foi quase sempre da boca dos próprios autores e muitas vezes deixando-os improvisarem em sua presença, que recolheu o sr. Leonardo Mota essa messe admirável da poesia, da mais encantadora, da mais autêntica poesia popular..."

"Grande serviço — concluiu — prestou o sr. Leonardo

Mota, que, com algumas conferências e este livro precioso e delicioso, se impôs ao nosso meio. Serviço a nós da cidade, porque nos permite compreender mais de perto a alma sertaneja. Serviço à nossa literatura, porque lhe trouxe incomparável contingente de expressão e beleza. Serviço, enfim, a esses poetas do sertão, pois vem tirar do anonimato em que viviam esses criadores da poesia popular, do povo para o povo, apontando-os à nossa justa admiração."

"Cantadores" — referiu sem demora donde estava, o vizinho Câmara Cascudo — é um livro sincero. Não há no seu entrecho a pábula exibição de sabedoria encanada. E' simples e por isto mesmo natural e agradável. Pelo Rio, os jornais e jornalistas chamam o sr. Leonardo Mota *Embaixador dos Sertões*. E' um título justo. Embaixador e plenipotenciário. E' a voz múltipla da grande terra sertaneja, a voz tristonha das juritis, o canto dos poetas, o fulgor das inspirações, a litania mórbida do *aboio*, a voz uníssona e poderosa do sertão — quem fala pelos "Cantadores".

A seu turno, Múcio Leão saía-se pelo "Correio da Manhã: — A poesia, profunda e ardente do nordeste, é um dos encantos da terra brasileira. Tenho em mãos um livro publicado há algum tempo, sobre o qual ainda não tive oportunidade de escrever. E entretanto merece uma afectuosa simpatia. Trata-se de um volume do sr. Leonardo Mota — "Os cantadores". Esse escritor é um grande apaixonado do nordeste. Não há muito, dava-nos ele um volume acerca dos "Cangaceiros"... Através das páginas dos "Cantadores" nós podemos fazer uma idéia do génio brilhante e bárbaro dos Sertões... Para nós que, vivendo no litoral, nos habituamos a ver o Brasil da orla do mar, o Brasil dos moços bem vestidos e das mulheres decotadas, o Brasil cheio dos ecos da literatura europeia — este livro do sr. Leonardo Mota é uma deliciosa hora de descobertas".

Romeu Mariz, da Academia Paraense de Letras, correu a escrever: — "...Um esteriotipador dessa gente, dessa raça, desse povo, o mais completo porque se fez um especialista é, sem dúvida, Leonardo Mota, maior romeiro das romarias em busca de lendas e loas dos sertões, maior pere-

grinador na colheita de gemas intelectuais de uma sociedade de iletrados, mas onde sobra um inteligência singular, onde fulgura uma genialidade e que o ilustre escritor cearense transformou em projectores poderosos focando sobre os olhos da nação inteira, em trabalhos que tornarão imperecível esta feição da nossa brasilidade...

Como nenhum outro escritor que se haja consagrado ao assunto, Leonardo Mota deu ao nosso folclore uma elasticidade que ainda não tivera. E aí está a sua principal virtude, aí está o seu condão, dentro destas ampliações que revelam não só o seu espírito de investigador, não só a sua mentalidade nova no assunto, como, sobre tudo, o seu patriotismo, levando os costumes de nossa vida simples, as suas loas e lendas, para uma finalidade que ainda não tomara este rumo, pelo seu cunho de regionalismo, de brasilidade, notada preocupação dos seus trabalhos".

Reproduzir os enaltecimentos ao grande folclorista seria encher muitas noites destas. Falaram sobre ele as notabilidades do assunto — João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Osvaldo Orico, Cornélio Pires, Oscar Lopes, Padre Dubois, António Sales, Belmiro Braga, Humberto de Campos, Aníbal Fernandes, José Américo, Carlos Dias Fernandes, um sem conto, encomiàsticamente disseram tudo dele.

José Carvalho, seu comparsa do poetar plebeu, versejou :

"Leonardo Mota é o mineiro
Que descobriu o filão
Do tesouro verdadeiro
Dessa alma do seu sertão.

E tudo nos traz, ufano,
Para nos dar, opulento
Como um nababo indiano,
Rio de verve e talento.

Leonardo, o batedor
Do chapadão, da caatinga

Pra descobrir cantador
Parece que tem mandinga.

E todo o seu folclore
Rico, farto, prazenteiro,
Não quer que ninguém ignore
Nessas terras do Cruzeiro."

. . . . . .

"Garimpeiro do ouro velho das rimas sertanejas", "Rapsodo dos menestréis matutos", "Homérida da poesia matuta", "Anchieta de génio dos repentistas caboclos", "Mistral brasileiro", "Embaixador dos sertões", "O Rei dos nossos folcloristas", "Embaixador da Musa Matuta", "Alto-falante dos poetas populares", "O príncipe dos folcloristas" "Missionário da lira plebeia" — não finda a enumeração.

Mas, deixai-nos apontar mais um, este quase inconoclasta da crítica que é Agripino Grieco, retratando Leonardo :

"Esse homem gordo e risonho, de bom estómago e cérebro claro, tem passado a invejável existência fazendo colecta de lendas, anedotas e canções sertanejas. E' ele um garimpeiro de filiões poéticos, e enquanto nós aqui no Rio só encontramos versificadores operosos e artificiosos, ele, percorrendo os sertões nordestinos, contra dezenas de poetas autênticos... Evocando tal gente, Leonardo Mota nos "Cantadores", nos "Violeiros do Norte" e agora no "Sertão Alegre" prova que lhes assimila admiràvelmente as maneiras e os processos de narrar e cantar. Ele compreende muito bem todos esses cantores e narradores, porque é também um cantor e um narrador. Reproduzindo e comentando, ele vai também, sem nenhuma pretensão, e como quem não quer a coisa, criando coisa sua e coisa realmente boa, realmente digna de ser estimada e apreçada. Em linguagem desadornada de ruim retórica, prova o nosso antologista que o cearense é um dos nossos grandes valores raciais. Pela sua robustez como que adensada, atochada em corpos

miúdos, pela sua beduínica força de resistência, pela sua sobriedade em matéria de alimentação, é ele um desses exemplares étnicos que valem o holandês e o japonês.

E censurando a empáfia de Catulo da Paixão, que com ele e Leonardo Mota palestrava: — "Leonardo Mota acabara de chegar do sertão, onde tudo verificara *de visu* no próprio ambiente, sem influência livresca, sem qualquer espécie de informação triçoeira, mas Catulo, que tirou carta de génio e se presume uma espécie de sapiência enciclopédica, não tinha dúvida alguma em, como velho freguês da Avenida Central, corrigir quem sabia o assunto cem vezes melhor que ele e que só por uma questão de polidez fingia estar aprendendo de Catulo o que lhe poderia ensinar de cadeira".

E ainda outro, mais nosso — Djacir Meneses: — "Ainda a obtusidade comum se engana vendo nesse Caçador de Belezas anónimas da nossa verdadeira literatura um extraordinário compilador incançável, a cruzar com o seu vulto roliço de boémio os sertões do nordeste, entezoirando nas páginas dos seus livros todas as pepitas que vai garimpando nas peregrinações realizadas. Mas os que têm o senso artístico mais apurado não lhe negarão as aptidões do espírito capaz de apreender, aguçado pelo amor às coisas da nossa gente, as nuanças mais vivas e expressivas do dizer sertanejo, cuja alma ele sente com toda a plenitude de bom cearense".

Sempre, em todas as opiniões, a imagem do filão de oiro ou das pepitas, porém Djacir Meneses já feriu o real sentido da obra do Mistral cabeça-chata.

Ante-viu o que Joaquim Pimenta viu de pleno: — "Vejo na obra a que Leonardo Mota consagrou a sua vida, em que concentrou as suas ambições, em que confundiu os seus sonhos de juventude, mais do que a obra artística que estiliza, com tonalidades encantadoras, rústicas paisagens do sertão longínquo — vejo o psicólogo que desentranha por fragmentos e reconstitui em sínteses a psicologia inconfundível de uma raça".

Trago exactamente neste instante para reforçar o conceito de Joaquim Pimenta esta dedicatória toda efusão de

Luís Edmundo ao mandar-lhe o livro "Marquesa de Santos":—"Para o Leonardo Mota, Bandeirante do Brasil-Caboclo, do Brasil-Brasil, com um beijo — L. Edmundo, 1930."

No — como ele mesmo chamou — seu "fadário de judeu errante do folclore patrício", em verdade não se restringia a juntar pepitas, e sim colhia pedaços da alma sertaneja para costurá-la à alma do homem da civilização e unindo as duas tecer a alma brasileira.

Entre modesto e vaidoso confirmou um dia: "Em quase seis dezenas de cidades brasileiras perpetrei uma quase centena de conferências sobre os nossos cantadores matutos...

Sem me fazer candidato a crachás de benemerência, estimo acentuar-vos que em toda a parte disse do sertanejo cearense todo o bem que devia dizer; despertei saudades e emoções em muito conterrâneo expatriado; vi compreendidas pela elite mental do meu país meus esforços em prol da divulgação dos costumes da gente boa e simples dos sertões da nossa terra; fui acolhido não com as homenagens, masco m a discreta consideração a que, de facto, fazia jus a minha bem intencionada campanha de nacionalismo literário".

Sim, obra do mais valioso e extreme brasileirismo e já largamente aproveitada pelos estudiosos, como este nosso Clóvis Monteiro, que afrentou as hostilidades de um concurso no Colégio Pedro II, escrevendo uma vigorosa tese sob o título "A linguagem dos Cantadores". No duelo áspero das arguições o examinador José Oiticica acusou de incorrectas informações de Leonardo Mota sobre a oralidade matuta, nas quais se firmara o candidato, e foi com excepcional brilho que este mostrou a improcedência da acusação, arrancando, afinal, ao calor dos mais fervorosos aplausos, o primeiro lugar do rumoroso prélio.

Leonardo ferido, deu de pronto a centelha da reacção: "Não sou folclorista avenidesco. Não falo por ouvir dizer que dizem... Falo porque vi o sertão e ouvi o sertanejo. O sr. Oiticica nunca se arriscou a isso, porque, como queria o meu saudoso António Torres, para obter brasileirismos

novos e bons, dos de bom cunho, é mister viajar pelo interior, mal comendo e pior dormindo, expor-se ao impaludismo, à faca dos cangaceiros, às ferroadas das mutucas, cometimento manifestamente difícil, como se vê!"

E da invectiva do sr Oiticica só restou o pó, de tão triturada que foi.

REABILITADA A CIGARRA, EXCULPEMO-LHE AS FALTAS

Tracejando, conquanto em síntese, a vida de Leonardo Mota, como que pretendendo fazer-lhe um pequeno ensaio de biografia, que há de no futuro ser feita desenvolvidamente, não devemos esconder que a sua perigrinação folclórica não só uma vez o conduziu ao descaso boémio, dessa boémia que, vista pelos puritanos com as durezas dum labéu, ao contrário tem emoldurado e dado realce ao sofrimento e à glorificação de muitas cerbrações possantes. São os tons escuros que realçam, na pintura, as tintas claras.

Não preciso de citar nomes, no grande cenário nacional, daqueles que o demasiado talento fez perder o centro de gravidade e na queda se alçaram, se engrandeceram na desgraça e na dor se dignifcaram.

Conhecemos tantos deles! E os amamos e admiramos tanto!

Agripino Grieco, num dos seus comentos, salientou o desprezo de Leonardo Mota pelos seus companheiros de hotel que pedissem ao criado uma garrafa de água mineral, e lamentou não fosse ele europeu e menos boémio, para tornar-se um grande folclorista em condições de emparelhar-se com Van Lennep.

Conta-se que Álvares de Azevedo, vigoroso poeta paulista que a morte levou antes dos 21 anos, emprestava cunho trágico às suas libações servindo-se, como taça, de uma caveira humana.

Leonardo fazia as suas sem turbulências, sempre faceciando, prourando encobrir na graça de sua prosa as máguas da sua alma, que todos temos as nossas máguas íntimas, irreveladas, fazendo-nos sofrer mais. Só uma ocasião, abancado no extinto *Café Glória,* onde com a maioria dos

intelectuais da terra costumava *assinar o ponto*, eu o vi triste, e foi aquele em que, oferecendo-me o seu "*No tempo de Lampeão*", escreveu esta dedicatória expressiva, na letra indecisa do seu estado psíquico: "Para o Raimundo Girão, no infortúnio do exercício do seu cargo de hoje, para que crie coragem e seja a esperança moça do Ceará — este livro modesto de um desiludido — Leota. 9.2.932". Estava eu servindo à Prefeitura de Fortaleza e criei mais coragem, para vencer a vida. Da outra parte dos desejos do ofertante não me dou nenhuma conta, infelizmente.

O livro eu conservo com especial carinho, que ele para mim foi o primeiro laço da maior afeição que sempre nos trouxe unidos.

O SEGREDO DAS VITÓRIAS

Leonardo Mota armou-se cavaleiro para os seus triunfos graças a três elementos que nele se harmonizaram admiràvelmente: a memória feliz, a pertinácia ou amor do trabalho a que se entregava, e o estilo altamente gracioso aliado a um colorido "savoir dire".

Sòmente uma retentiva muito poderosa poderia habilitá-lo a colher e reter quanta coisa no mundo folclórico ouviu e quantos belos discursos pronunciou, sem o dom da improvisação, que lhe faltava. Nem se acredita que assim fosse, não se sabendo que realmente assim era.

Por outro lado, ninguém mais persistente e penetrante no estudo dos assuntos da sua simpatia. Ia às últimas, esgotava, como quem vai ao prato com intensa fome.

Mas essas duas forças, menos perceptíveis ao grande público, não duvidamos até que ignoradas deste, não teriam o mérito de fazê-lo o homem conhecido que foi, sem o complemento da outra — o seu estilo literário, de uma riqueza verbal apropriada e inconfundível.

Quando Buffon afirmou que "o estilo é o homem", não fez uma simples frase, senão resumiu numa expressão vocabular tudo quanto de vida interior e força comunicativa existe ou deve existir em quem escreve. E' a personalidade mesma do indivíduo que sai e se fixa no modo de externar

o pensamento. Estilo é a expressão da originalidade, e daí ser cada homem um estilo.

Se o estilo cativar, o escritor cativa necessàriamente, e eis porque Leonardo Mota segurava o seu leitor, deixando-o sem ânimo para enfadar-se.

Poder-se-á dizer que o Leota é um estilo. Basta descer a vista sobre este pseudónimo e já é de ante-ver com absoluta exactidão o que vai ler-se.

Muita graça, muita vivacidade, acentuada dosagem de verve sem chalaça, trocadilhos sadios e espirituosos, pilhéria fina, intercalação oportuna dos adágios ou ditos populares, exclusão de acrimónia, variação vocabular vibrante, doçura sem afeminação, o estilo de Leonardo Mota é um estilo-anti-hepático, estilo-riso, estilo-gosto-de-aluá-picado. Estilo compasso de minueto, música de regato correndo sobre pedras em cachoeirinhas pequenas, sem estrondos de adjectivos, sem monotonia de repetições. Saltitação, alacridade, parecendo um bando de meninos brincando. Afinal, só uma definição é cabível — estilo Leota.

Lendo-o, sente-se todo ao vivo a sua alma de escritor, reconhece-se em qualquer lugar ou ocasião, até no escuro, o punho que escreveu.

"Cantadores", a soberba estreia (1921), "Violeiros do Norte", prémio da Academia Brasileira de Letras (1925), "Sertão Alegre" (1928), "No Tempo de Lampeão" (1930), "Prosa Vadia" (1932), já publicados, são as jóias mais custosas do seu conjunto estilístico como folclorista, coroado pelo "Adagiário", ainda por sair e condensando num esforço de gigante cinco mil anexins em várias línguas — português, francês, italiano, espanhol e às vezes no latim e no inglês — o maior trabalho de paremiologia comparada que jamais se tentou no Brasil.

Reunir estes livros e lê-los é entrar numa casa de gulosices e empaturrar-se, sem ver meio de deixar de comer. Foi inegàvelmente o folclore a nota mais sustentada da obra de Leonardo Mota.

OS IRMÃOS SIAMESES: — LEONARDO MOTA E O REUMATISMO

O "taquígrafo dos Cantadores" — com o denominou José Lins do Rego — na sua vida de junta-pedaços da psiqué sertaneja, pôs-se em contacto com um sem termo de amigos bons e admiradores entusiastas e, entre tantos, um lhe veio nunca por por ele convidado nem desejado, mas que nunca mais o largou — o reumatismo.

Damon e Pítias não estiveram tão inseparáveis. Nem Romeu e Julieta, nem Pilades e Orestes, nem Paulo e Virgínia, nem Leandro e Hero, nem Castor e Pólux.

Tal a identificação do escritor com a sua reumatalgia, a ponto de não lhe deixar "uma só articulação desocupada", na verviosa informação do cronista Caio Cid, que ele acabou por adotá-la como glosa de seus escritos, acomodando-se com os encurvamentos que o mal lhe impunha aos membros do corpo. Escreveu mesmo umas croniquetas radiofónicas intituladas *Letras de um reumático*. Numa delas anunciava aos ouvintes que havia noventa dias se conservava, como o Brasil, "deitado em berço espléndido" e só não recorria ao último dos recursos — o espiritismo, "pela comezinha razão de que por causa do *espírito* mesmo é que me vejo nestas circunstâncias".

Ao João Dumas da estação PRE-9 recomendava noutra que "se houver no mercado falta de pontadas reumáticas, avise aos interessados que disponho de farta provisão e as negocio por qualquer preço". Nem por isso deixava de despedir-se do seu amigo dizendo-se "seu entrevadíssimo mas sempre sorridente Leota".

Aconselhava ao Dr. Teodorico da Costa que em vez de andar procurando estrelas, que as havia em piracema no céu, fosse estudar a flora brasileira afim de descobrir um remédio para o reumatismo, fazendo-se deste modo um benemérito do mundo, e lamentava que a Liga das Nações, ao tempo tão preocupada de actividades, não conseguisse suspender as sanções escorchantes que o reumatismo, injustamente, lhe impusera, a ele "velho preso sem culpa formada".

Perguntava ao comerciante José Carneiro: — "Você que tem à venda tanto óleo para molas engasgadas e que prejudicam a carreira dos veículos, não terá por aí um lubrificante para juntas do esqueleto humano, emperrado pelo reumatismo"? E ao Mozar Pinto mandava o bilhete: "De eu nunca mais haver *assinado o ponto* aí na "Academia do Glória", culpo o reumatismo que tem feito de mim gato e sapato. Faz hoje precisamente 100 dias que me espichei sobre a cama: é um *centenário* que desejo festejar festivamente..." E adiante: "Sempre que eu desapareço da circulação e dou entrada no dique doméstico, para consertos de emergência, circulam notícias tétricas sobre o meu estado de saúde. Mas se não estou enganado, meu nome nunca pôde ser lido na secção "Obituário" dos jornais citadinos".

Chamaram-no "o escritor reumático", e Aristóteles Bezerra teve o cuidado de classificar a doença: — "reumatismo leótico".

Mas, há males que vêm para bem, e este do Leota foi a causa da sua grande saúde.

Ele que, por motivo da sua irrequietude, fora crismado como o "homem que nunca está", passou do seu triunfante nomadismo para um sedentarismo não menos vitorioso, aconchegando-se mais à família e também transfigurando-se espiritual e intelectualmente.

Releio esta crónica de Carlos Cavalcante: "A enfermidade que o retém não está fazendo uma única vítima. Há mais alguém que se sacrifca, que não dorme à noite e não repousa o dia. Da. Luisinha entra e sai, recebe as visitas e manda-lhes café. E demonstra certo orgulho, deixa transparecer um tanto de vaidade ao aproximar-se da cama. A boa senhora bem sabe quanto vale aquele homem feio, bem sabe quem se esconde atrás daquela serra de carne. Seu avental de dona de casa terá enxugado, nesses sessenta dias, alguma lágrima furtiva. O rosto insone, não obstante, revela um quê de íntimo e paradoxal contentamento. E' a satisfação, por certo, de ser a enfermeira de uma das melhores criaturas do mundo. Mais ainda: a sentinela dedicada e indormida daquele leito em que se debate a casca

humana e prosaica de um dos maiores nomes das letras nacionais".

Essa Da. Luisinha ele a encontrou aluna do seu Colégio do Ipu e, trás-zás, fê-la "a excelsa tecelã dos seus destinos", na frase de Filgueiras Lima, e mãe dos seus filhos, dos seus seis filhos, "uma prole que é o orgulho deste meu exausto coração, hipertrofiado mas vazio de ódios e transbordante só de benquerenças" — disse de público numa confissão de ternura verdadeira.

Não vou dizer, que todos sabem, do amor do pai aos filhos e do verdadeiro esposo à mulher. Nem dos sentimentos que unem uns e outros em linha inversa.

Porei em destaque, no entanto, que Leonardo, ainda que nas negligências da vida errante, nunca perdeu as pontas dessas cordazinhas que amarram a gente aos entes queridos da gente. Ao primogénito — o Moacir, todo criança, entregou o papel de Pequeno-polegar seu companheiro de aventurosas caminhadas. A todos amou com extremo, educou e encaminhou devidamente. "Os filhos do Leota" — nós os conhecemos assim, equilibrados, inteligentes, operosos. Expressões sadias e salientes do nosso meio social. Cinco homens e a Maria do Carmo — a sua Mimosa. Esta e a Luisinha.

"Repare ali — apontou a um jornalista que o entrevistava — os retratos de minha mulher e de minha filha, os grandes alentadores das minhas energias. Olho-as quando me sinto triste e isso me restitui a vivacidade. Constituem o meu estímulo e por assim dizer o meu talismã".

A TRANSFIGURAÇÃO

O reumatismo transfigurou o Leota. O reumatismo e o frade Bernardino de Mornico, do Convento da Praça Coração de Jesus. Aquele começou o trabalho da modificação edificante; este injectou a vontade de que precisava o transfigurado para transfigurar-se. Transfiguração quase radical: do físico, dos pendores mentais, das atitudes morais, da crença. Os mesmos, só a bondade e o estilo, que não se alteraram.

A reclusão prolongada da doença aparafusou-o ao lar. De lá saía para poucos lugares, e tão apenasmente. Para a igreja, para a casa da velhinha mãe, para a Cúria, em busca de pesquisas documentais, e para a casa da sua segunda família — o Instituto do Ceará.

Fixou-se ao pé da *forja*, que este era o nome dado por ele à sua modesta mesa de trabalhos.

Quando voltou, numa espécie de *reentrée* ao palco da nossa cultura, já era outro o indumento com que o homem se apresentava. Reposto na Academia de Letras, cuja reorganização ele lembrara e estimulara ao tempo do presidente Justiniano de Serpa e da qual, depois, noutra estruturação, fora indesculpàvelmente afastado, já denunciava certo distanciamento do seu folclorismo impenitente e propendia visìvelmente para catas doutra natureza, mais notadamente a biobibliografia conterrânea.

Anotando por simples passatempo os nossos escritores e as sociedades beletristas desde o surgimento das primeiras, acabou, sem que o pretendesse de princípio, por nos dar suculento estudo sobre a Padaria Espiritual, livro de 190 páginas editado em Fortaleza, e, ao mesmo cuido que ininterruptamente escrevia para os jornais as crónicas mais lidas da cidade, quis um derivativo mais forte para a chateza da sucessão dos dias reclusos, e lhe veio então vago interesse pela história da vida dos bispos e padres do clero cearense, filho por certo daquela sua obstinação toda a vez que entesava em aclarar alguma dúvida.

Foi colhendo as notas e no fim estava escravo delas, pedindo informações e fotografias aos parócos das freguesias e recebendo de frei Bernardino os alentos de uma estimulação sempre perspicaz, que ele possìvelmente de começo não percebia, mas afinal se tornou ostensiva, fomentante e diremos disciplinante. Era indisfarçável a influência moral do frade.

Com o freio no dente — diria ele assim — não descansou mais e pôde objectivar um hercúleo serviço, este de acumular todo o material, da mais inconteste valia, para ser escrita exaustivamente a História Eclesiástica do Ceará, documentada com uma incrível soma de fotografias das

personagens biografadas. Começara a nelas trabalhar, conforme nota do seu diário, no dia 2 de Janeiro de 1940, precisamente oito anos antes de sua morte.

A sala de visitas, não pequena, do casarão de sua residência, ostenta a colecção delas, paredes acima, contando cerca de 1.500 molduras.

Esta História Eclesiástica e esta iconografia *sui generis* eram a sua obcessão, crivada aqui e ali de decepções que frei Bernardino neutralizava, e agora permanece lá, na riqueza de seu documentário difícil, como uma intimação severa à Arquidiocese do Ceará, para que não permita se desmorone tão majestoso edifício só a concluir-se nos acabamentos, antes, ao contrário, venha muito cedo à publicidade, como um monumento a mais no apreciável parque da nossa cultura geral.

E veja-se e medite-se que essa *História Eclesiástica*, agravando a responsabilidade de sua conclusão e publicação pela Arquidiocese, deve ser tida, e realmente foi, como a sua estrada de Damasco, a iluminação interior que suavemente guiou o antigo boémio aos pórticos da fé, que ele de cheio penetrou e não mais recuou, para alegria máxima da sua família e dos amigos e maior ainda dele próprio, nem um só minuto, desde então, afastado dos eflúvios eucarísticos da salvação católica.

O Leota livre das cantigas alegres dos homens do sertão era agora o edificado dos cânticos harmoniosos do Cristo. Deu-se a transfiguração. Na rosa dos ventos, por fim, a agulha encontrava o norte.

ELE E O INSTITUTO

Muitas vezes disse que o Instituto era a sua segunda família. Sentia-se feliz aqui e não faltava. Só quando não era possível vir.

Incorporou-se desde 5 de Janeiro de 1932 e de tanto nos querer, e nós a ele, ficou sendo o nosso *sineiro*. Os nossos sinos com ele não paravam, vigilante como os mais zelosos sineiros de todos os templos. A modo que possuía faro para pressentir as coisas e alertar-nos. Como Secretário

da agremiação recebi os seus repetidos avisos e era-me um prazer recebê-los. Supria fàcilmente com eles as minhas negligências funcionais.

Além de sineiro, um enchedor das sessões. Não registam os nossos anais sessão vasia, sem assunto, a que o Leota comparecesse e ele era todo assuidade. Costumava repetir, e não gracejava, que era o único dos nossos sócios que pagava para comparecer. Outro ónus do reumatismo, não consentindo viesse senão de automóvel, pois não suportava caminhadas distantes.

E se enchia as sessões com trabalhos da sua lavra, sempre gratamente ouvidos, também nos enchia o coração com a sua amizade, com a sua lhaneza, com as suas anedotas, com a sua palestra-grude, pregando os ouvintes.

Como é de ver, enorme, sem medida fácil, será o vácuo da sua morte nesta Casa.

Se aquela cadeira de um só braço está alí, falando no silêncio de uma ausência, ela não é mais que um símbolo do coração de cada um dos seus consócios, com uma presença a menos no conjunto dos nossos afectos.

O Instituto homenageia e chora o amigo perdido e, sineiros todos agora, vamos tirar dos sinos as plangências da nossa saudade.

(Estudo lido no Instituto do Ceará, em 2 de Feveriro de 1948)

De ORLANDO MOTA:

Ainda no estonteamento a que nos levou a certeza da perpetua ausência de Leonardo Mota do mundo dos vivos, soubemos, nós, os de sua família, da notícia de que o Instituto do Ceará reverenciaria, em sessão especial, a memória do companheiro morto — justamente um mês após aquele dramático anoitecer de 2 de Janeiro.

Não nos surpreendeu a vossa carinhosa lembrança. Ninguém mais do que ele, o homenageado desta solenidade, diligenciava no sentido de que se não perdesse, dissipada na pátina dos anos, a presença inolvidavel dos vultos que fi-

zeram a nossa grandeza e preservaram, em todos os tempos, a sempre glorificada vitalidade intelectual do Ceará.

Estou ainda a vê-lo, como todos os dias o ví, rebuscando seus cadernos de notas preciosas, para desenterrar da poeira dos arquivos os gestos heróicos, as atitudes dignas, os exemplos de amor e dedicação daqueles para os quais o vosso paciente e infatigável "sineiro" reivindicava um lugar ao sol nas páginas da história do Ceará.

O que nos perturbou foi a compreensão da necessidade irrecusavel deste dever primário de cortezia e de ética, que se nos impunha, aos seus filhos, de vir até a vossa ilustre Casa, em hora tão solene, para dizer-vos um agradecimento em nome da grande voz para sempre extinta, e no da família daquele cuja existência tumultuosa constituia o único motivo de orgulho dos seus descendentes.

Pesou-nos sobre os ombros, como um manto de chumbo, essa incomoda responsabilidade que se despejava em cima da família atordoada ainda, e atonita ante a brutalidade do golpe rude e inesperado com que Deus pôs á prova a fragilidade do nosso espírito de renúncia e sacrifício.

Nem sei porque fui eu o escolhido para desempenhar tão difícil missão. Nem sei porque, afinal, pude aceitar a incumbencia, para ter logo mais a dolorosa decepção de me sentir impotente, pequenino demais em frente ás enormes proporções do espírito sem par do amigo, do pai e do mestre de todas as horas.

O que talvez vos possa parecer facil a qualquer um dos filhos de Leonardo Mota — falar sobre os vários aspectos de sua sedutora personalidade — é, paradoxalmente, o trabalho mais ingrato que poderíamos tentar, principalmente quando ainda sangra a ferida aberta pelo seu irrecorrivel desaparecimento.

Aturde-nos a confusão dos sentimentos, desorienta-nos o mundo de detalhes e de lembranças, empolga-nos, dominadora, a saudade doméstica, e o iniludível amor filial não nos dá serenidade bastante para disciplinar e vencer as ideias em pânico, no conflito fatal do cérebro com o coração. Nem sabemos ainda o que fazer dessa inestimavel herança de reminiscências e de emoções.

Com ele vivemos juntos tantos anos, dele ouvimos tanta coisa jamais revelada, tão íntimo e prolongado foi o nosso alegre convívio durante toda a vida que não pudemos encontrar, em ocasiões como esta, o caminho da fuga ás recordações do aconchego do lar. Para nós, as suas qualidades mais belas e mais características eram exatamente aqueles pequenos e indefiníveis detalhes de sua conduta intra-muros domésticos.

Perdoai-me, pois, aos meus irmãos e a mim, pela pobreza sem remédio destas palavras descoloridas, alinhadas á força de uma obrigação inevitável. De Leonardo Mota conhecestes apenas a obra celebrada, o trabalho sem pausa, o esforço tenaz e obstinado, o esplendor dos triunfos nos salões culturais e nas colunas consagradoras da imprensa. Vistes apenas o autor, o intelectual, o homem de pensamento criando e defendendo os ideais do espírito, com aquela pugnacidade estoica que lhe dava forças para vencer a miserável condição humana e passar friamente atravez dos inenarraveis sofrimentos impostos pelos mais ultrajantes percalços da decadencia orgânica, a pugnacidade que o manteve de pé, na sua arena de combate, até o dia mesmo em que teve de fechar os olhos para as coisas terrenas.

Aplaudistes o advogado amigo dos desprotegidos, o jornalista incorruptivel a serviço do bem-estar coletivo. Admirastes o esteta da palvra, o beletrista que brilhava nos torneios intelectuais das tertulias literárias; consagrastes o folclorista que revelou ao país o mundo desconhecido e maravilhoso da poesia popular, rehabilitando perante a conciência nacional o matuto humilde e achincalhado pelos sertanistas de avenida. Amastes o boémio esbanjador de saúde e de talento, forrado sempre daquele santo desprezo pelas posições de mando e pelas sinecuras rendosas.

Ouvistes o conversador, o "causeur" inexcedível na interpretação da ingenua alma sertaneja; e, por último, passastes a respeitar o honesto e arguto pesquizador dos homens e dos fatos de nossa terra, o historiador empolgado pela história, arrancando do olvido o filão inesperado de alguns dos mais sugestivos capítulos da cronica desta Terra da Luz, que ele tanto amou.

Só não conhecestes bem o Leonardo Mota homem comum, sem jornal, sem folclore, sem mesa de bar, sem velhos alfarrabios — o suave e puro Leota de dentro de casa, o esposo, o pai, o avô remoçando entre a algazarra domingueira dos seus nove netinhos.

Este é o Leota que carregaremos conosco até o fim da vida, como um fardo bendito de estímulos poderosos. O amigo, o mestre, o pai apenas. Inútil tentar a impossível tradução desse sentimento de veneração filial que a convivência diária perpetuou em nossas almas.

Quando a doença mortal o surpreendeu, atingindo-o precisamente no seu órgão mais vulneravel — o imenso coração desprotegido e aberto para tudo e para nós — ele lamentava, em meio aquele terror wildeano pela possibilidade de morrer, ele lamentava não poder frequentar mais as sessões do Instituto, casa que considerava um prolongamento da sua, tão sólidas e verdadeiras eram as afeições com que contava aqui, na vossa companhia. Eis porque nos identificamos convosco na hora amarga. Eis porque não vos peço perdão pelo que não pude dizer a respeito de meu pai, vosso irmão de letras e de ideal.

Em nome de minha mãe, de meus irmãos e de toda a família de Leonardo Mota, eu vos agradeço comovidamente o preito de veneração e saudade que ora prestais à sua memória, particularisando, sobretudo, as palavras compreensivas e brilhantes de Raimundo Girão, nosso amigo muito querido e admirado.

Conservai convosco o vosso Leota, pelos anos em fora, neste calido ambiente de fraternal companheirismo que tanta felicidade lhe deu nos últimos anos de sua vida, quando ele, o "Embaixador do Sertão", o "Rondon das Letras Matutas", o "Bandeirante do Brasil-caboclo", a "grande voz sonora da mata na cidade", o "maior de todos do folclore brasileiro", o "Príncipe da poesia sertaneja" — desprezou de bom grado todos esses e outros títulos com que o endeusaram os críticos literários do país, para ser sòmente aquilo que mais o envaidecia no afan de pelejar sempre pelo "engrandecimento da grandeza" do Ceará: o "Sineiro do Instituto".